

14/05/2015 - 05:00

Brasileiro prefere investir por conta própria a usar consultoria, diz pesquisa

Por **Sérgio Tauhata**

Quando o assunto é investimento, o brasileiro prefere decidir por conta própria. Mas, se for para pedir uma opinião, recorre ao gerente do banco ou a profissionais da corretora da qual é cliente e, em seguida, a amigos ou familiares. Só uma pequena parcela opta pela orientação de um consultor profissional independente. Além dessa tendência autossuficiente, o investidor local aponta a solidez da instituição como fator mais importante para a escolha de uma aplicação. As taxas cobradas ficam em um distante quarto lugar nessa lista de fatores determinantes para o aporte em um produto financeiro.

Esse retrato do comportamento do investidor brasileiro faz parte dos resultados obtidos pela "Pesquisa Global de Sentimento do Investidor", realizada pela Franklin Templeton em 23 países no primeiro trimestre do ano. De acordo com o levantamento, 41% dos entrevistados confiam em si próprios na hora de escolher um fundo de investimento, 35% pedem ajuda ao gerente do banco, 11% preferem o serviço da corretora, 8% recorrem a amigos ou familiares e apenas 6% pedem orientação profissional.

Entre as razões para escolher um investimento, a solidez da instituição que oferece o produto aparece como a principal para 36% dos investidores, enquanto a performance surge em segundo lugar como fator mais importante, conforme 21% das respostas. Em terceiro, vem a solidez da instituição que administra o produto, com 13%, e, em quarto, aparecem as taxas, com 13% das indicações.

Para o presidente da Franklin Templeton no Brasil, Marcus Vinícius Gonçalves, o levantamento mostra que o brasileiro ainda não considera as vantagens de uma orientação profissional. O gestor, porém, aponta um lado positivo: "há um mercado enorme para crescer em termos de consultoria financeira".

Na opinião do especialista em finanças comportamentais Cássio Beldi, fundador e diretor da Mint Capital, decidir a alocação do dinheiro do investidor "deveria funcionar como uma medicação". Para o gestor, o ideal é procurar um médico se tiver de tomar algum remédio. "Investimento tem de funcionar da mesma maneira."

De acordo com o especialista, para investir por conta própria, a pessoa tem de preencher certos requisitos, como "ter conhecimento prévio do mercado e dos acontecimentos, estudar os ativos e os fundos e, mais importante, criar um plano de investimentos, segui-lo com disciplina e ter conhecimento dos próprios vieses de comportamento". Mas o gestor ressalta a importância do profissional independente, que vai além dos conhecimentos sobre mercados e produtos: "esse consultor vai funcionar como uma 'blindagem' contra tendências negativas de comportamento do próprio investidor".

Beldi critica também a escolha de grande parte dos entrevistados pelo aconselhamento com o gerente do banco. "São profissionais altamente comprometidos. O estímulo comportamental é por produtos que geram receita para o próprio banco e, em grande parte das vezes, com um péssimo retorno para os investidores."

A busca pela opinião de amigos ou familiares também embute, no jargão das finanças comportamentais, o chamado "viés". "Normalmente, nestes conselhos de amigos e familiares está presente um forte viés comportamental chamado autoconfirmação, ou seja, as pessoas tendem a seguir os conselhos que reafirmam sua própria opinião", explica.

Em relação aos motivos pelos quais o brasileiro escolhe uma aplicação, Gonçalves, da Franklin, acredita que o brasileiro está acostumado a "comprar" a instituição. "Muitos investidores ainda acham que o produto é o banco e o banco é o produto."